

Contrastes culturais e indentitários em: *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso e *Lorde*, de João Gilberto Noll

Elisangela da Rocha Steinmetz ¹

Resumo: O romance *Lorde*, de João Gilberto Noll, apresenta um curioso protagonista que não revela seu nome e declara-se confuso, sofrendo de um processo de esquecimento. Sabe-se que é um escritor brasileiro, que chegou a Londres atraído por uma proposta de trabalho. Já a obra *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso, mostra uma família que, por razões econômicas e afetivas, deixou seu país e agora precisa retornar, mas cada personagem possui diferentes expectativas em relação a esse retorno. Assim, considerando os trabalhos de Stuart Hall e Edward Said, pretendemos observar como os movimentos de diáspora (em suas várias faces) e as relações econômicas, sociais e políticas se manifestam ao longo da trama desses romances. Observando o modo como as identidades são afetadas durante o trajeto da narrativa, identidades que se forjam mediante os intrincados movimentos do enredo.

Palavras-chave: diáspora; literatura; João Gilberto Noll; Dulce Maria Cardoso.

Abstract: The novel *Lorde*, by JGN has presented a curious main character who does not reveal his name and he considers himself as a confused person, suffering from a forgetfulness process. He is a Brazilian writer who arrived in London attracted by a job offer. The work “*O Retorno*”, by DMC has shown a family which left its country because of economical and affective reasons and now it needs to come back. But each character has different expectations relation to this return. So based on SH and ES’ works we have intended to observe how diaspora movements (through its several views) and how the economic, social and political relations have been expressed throughout those novels. We have also observed how the individuals have been affected during the narrative line, individuals who have been forged up against the plot movements.

Keywords: Diaspora. Literature. João Gilberto Noll. Dulce Maria Cardoso.

Introdução

Quem somos? Onde estamos? As perguntas e respostas a essas questões, por certo, perpassam-se... Ser complexo, o ser humano constrói sua identidade na soma de muitos rios: carga genética e demais aspectos biológicos, aspectos psíquicos, relações pessoais e com o meio, a cultura que o cerca; e tudo constrói tudo reflete: o que e quem ele é, as escolhas que possui e as que faz.

As ruas pelas quais caminhamos, os cheiros que sentimos, as crenças que nos cercam, nossos desejos e necessidades, o passado e o presente (bem como

¹ Mestra em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

as esperanças de um futuro) desenham juntos a "personagem" na qual nos configuramos; e o potencial de energia que temos e que se desdobrará, sempre em conjunto com os elementos já mencionados, num futuro pessoal e social.

Sobre esse caráter que se forma, sopram muitos ventos que contribuem para uma imagem e comportamento do indivíduo. Sem dúvida, a arte é um desses sopros, desses ventos, que põem diante de seus olhos um passado, e mesmo um estado de coisas atuais, e perspectivas futuras, que devem ser vistas e exploradas, na medida das reflexões e sensações que despertam.

O crítico Edward Said atenta para o fato de que a "leitura e a interpretação dos grandes textos culturais metropolitanos" em contrapartida com o trabalho de "escritores e estudiosos do mundo ex-colonizado que têm imposto suas diversas histórias, têm mapeado suas geografias locais nos grandes textos canônicos do centro europeu. E dessas interações sobrepostas, mas divergentes, *estão começando a aparecer às novas leituras e conhecimentos*" (SAID, 1999, p. 89, grifos nossos).

É sob a roupagem do lúdico, provocativa e desafiadora, que, muitas vezes, descobrimos o exterior e um interior ainda oculto; é no domínio da arte, e em especial da literatura, que se podem encontrar os fios que, junto a outros, engendram a tessitura do que se pode chamar de alma, ou espírito, humano. Não pretendemos com isso restringir a arte a um aspecto de formação social, sem dúvida, as esferas sobre as quais se desenrola ultrapassam esse ponto de vista.

Pretendemos, no entanto, afirmar que ela se liga, mesmo que inconscientemente, a toda *massa* formadora do indivíduo - pela *presença* ou *ausência* que exerça no meio em que ele vive. Pois, conforme nos aponta Said, por exemplo, há conexão entre "a longa e sórdida crueldade de práticas como

a escravidão, a opressão racial e colonialista, o domínio imperial e, (...) a poesia, a ficção e a filosofia da sociedade que adota tais práticas" (SAID, 1999, p.14).

Logo, podemos dizer que se soma à identidade do ser, literalmente, o conjunto de textos que o cercam. Aquele aos quais ele tem acesso. Ele é, dessa forma, feito um pouco, também, de tinta e de papel. Mas que tinta e que papel? O que pode ser lido e, de que maneira, nas linhas e entrelinhas que o homem constitui em sua trajetória, e que é produto, em certa medida, dele próprio, de suas intenções claras e obscuras. Que, tanto podem sugerir continuidade ou mudança no contexto social. Daí sua importância e a possibilidade que menciona Said: "o surgimento de uma nova consciência intelectual e política" (SAID, 1999, p. 26).

O que pretendemos neste trabalho é, considerando a configuração atual das relações de conjuntura mundial - que podemos enxergar - e de alguns textos teóricos que tratam do assunto, observar como o texto literário de dois romances: *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso e *Lorde*, de João Gilberto Noll, abordam a questão do exílio, em especial os aspectos que conduzem a ele e as implicações que daí surgem: as relações de poder, a convivência de culturas diferentes e, por fim, as influências que esse contexto acaba por exercer na formação da identidade dos protagonistas; que são, em certa medida, representação de sujeitos extraficcionais. Olhar nesse espelho literário é encontrar o Outro e a nós mesmos, num percurso sobre o qual precisamos refletir e agir, mas para tanto, temos, antes, que enxergá-lo. A rua em que, por ora, caminharemos, observando o acima exposto, é feita de palavras e conduz ao exílio.

Contrastes Culturais e Identitários

Encontramo-nos numa sociedade, cada vez mais, globalizada e multicultural; onde o acesso aos lugares e à informação se dá de modo cada vez mais dinâmico. Mas o que significa a expressão multicultural? Segundo Stuart Hall, "é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade 'original' " (HALL, 2003, p. 52).

Nesse contexto, podemos ter um indivíduo que, muitas vezes, passa a articular de forma integrada tanto os hábitos e costumes que possui em sua "origem", como os que se apresentam no local em que está. Podendo tanto atingir uma forma de "tradução" e equilíbrio, como ocasionar distúrbios e conflitos. Conviver com diferentes práticas culturais e religiosas tornou-se algo comum e, somando a isso as desigualdades sociais que se estabelecem em determinados contextos, obtemos como um dos frutos dessa realidade social a emigração, que é uma das tantas faces de exílio:

Embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer algumas distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. O exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro. Por outro lado, os refugiados são uma criação do Estado do século XX. A palavra "refugiado" tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnorteada que precisa de ajuda internacional urgente (...) Os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais. (...) Eles podem sentir a mesma solidão e alienação do exilado, mas não sofrem com suas rígidas interdições. *Os emigrados gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para um outro país. Claro, há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar*" (SAID, 1999, p. 54, grifos nossos).

Mas será real essa *possibilidade de escolha*? Tanto na obra *O retorno* como em *Lorde*, temos sujeitos que emigraram, motivados por uma expectativa de melhoria econômica. Nesses textos, o ponto motivador da partida, tanto para o

narrador/personagem de *Lorde* como para a personagem Mario de *O retorno*, não se dá por força de guerra ou outros motivos, mas como forma de sobrevivência material: o sujeito deixa a sua terra, porque vê em outra uma possibilidade financeira, que se faz vital à vida humana e em sociedade. "Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência" (BHABHA, 1998, p. 19).

Em *O retorno*, temos uma narrativa em primeira pessoa, trata-se de uma narrativa de memória, por isso, às vezes fragmentada, vistas as idas e vindas das lembranças do narrador. O ponto de vista é de Rui, um adolescente que vive em Luanda, Angola, com sua família. A mãe veio de Portugal para casar-se com Mário, que havia deixado a terra devido à pobreza. Como vemos nos trechos:

O pai só estudou até a segunda classe mas não há nada que não saiba sobre o livro da vida que, segundo o pai, é o que mais ensina. O Lee e o Gegé gozavam quando o pai se punha a falar do livro da vida e eu tinha de fazer um esforço para não ter vergonha (CARDOSO, 2012, p. 11).

[...] ponho-me a pensar que o pai não devia ter esquecido da parte do livro da vida que dizia que um homem pertence à terra que lhe dá de comer, não se devia ter esquecido que a metrópole só lhe deu fome, (CARDOSO, 2012, p. 243)

Mario vence. Monta uma empresa de transportes e adquire onze caminhões: "Era difícil passar a picada mas o pai era bom condutor, não se tem onze camiões sem se saber conduzir bem" (CARDOSO, 2012, p. 155). A família vive bem, mas sem luxos excessivos, a mãe sonha com um aspirador de pó e a filha com um novo toca discos. A questão econômica, no entanto, atravessa todo o enredo. E, diante da revolução a família de Rui se vê obrigada a deixar Angola e retornar a Portugal. No retorno que se dá às pressas e de forma turbulenta, pois o pai de Rui fica preso em Luanda, eles enfrentam, outra vez, dificuldades materiais:

[...] não chamei pedinte a ninguém [...] São gente trabalhadora, não duvido, mas acontecem coisas más a toda gente, não é vergonha precisar. Os que precisam também têm de saber receber, são tempos conturbados (CARDOSO, 2012, p. 70).

A sala de penhores é pequena... (CARDOSO, 2012, p. 175).

Já estamos cá há muitos meses, o dinheiro está a acabar, o senhor sabe que ninguém pode viver sem dinheiro e não consigo arranjar trabalho, ou não há ou não mo dão, o meu marido trabalhou a vida inteira, não tivemos culpa. [...] a mãe desprende o fecho do cordão de ouro... (CARDOSO, 2012, p. 181).

Diante da falta de recursos eles (Rui, sua irmã e sua mãe) passam a viver em um único quarto e sofrem a angústia de esperar o retorno do pai. A família enfrenta questões de sobrevivência associadas à comida e vestuário, suportando um penoso reposicionamento. Rui sofre algumas modificações no comportamento: altera seu vocabulário, abandona a escola e planeja um roubo, sonhando partir para a América; o que sugere a influência da condição econômica como elemento que interfere na identidade da personagem. O pai retorna, planeja uma empresa, consegue sócios e empréstimo e, por fim, uma pequena casa onde vão viver, já sob as promessas de uma casa melhor. Porém a obra deixa em aberto o sucesso que será ou não alcançado pela empresa de Mario. A metrópole, Portugal, será uma terra a permitir a prosperidade? Isso não sabemos, mas o retorno da família a Portugal não se dá por *escolha*. Voltam para sobreviver, pois sentem suas vidas ameaçadas.

Em *Lorde*, narrativa também elaborada em primeira pessoa, temos como protagonista um escritor, com sete livros publicados em seu currículo, que deixa a cidade de Porto Alegre e parte, mediante o convite de um inglês, para a cidade de Londres: "E eu estava em condições de negacear seu convite? Como viveria no Brasil dali a três, quatro meses, se todas as tentativas de viver fora dos meus livros fracassavam? Sim, eu estava numa entressafra literária perigosa" (NOLL, 2004, p. 17). O protagonista revela que sua situação econômica no Brasil não é nada promissora e vê na ida para a Inglaterra a possibilidade de "garantir uma graninha para a sobrevivência", nessa obra, a condição financeira é o principal motivo que o leva à emigração, sendo responsável por certa atmosfera paralisante que envolve o protagonista ao

longo do enredo. A questão material permeia toda a história de *Lorde*, como vemos nas passagens:

Não, que nada, eu teria apenas de trocar minha solidão de Porto Alegre pela de Londres. E ter na Inglaterra uma graninha extra para me sustentar (NOLL, 2004, p. 10).

(...) só em Londres, sem a grana do que ele chamava de bolsa, sem como pagar o aluguel daquela casa que eu ainda não conhecia, (NOLL, 2004, p. 14).

Sim, eu dependia deles, e alguma voz interna me dizia que não me afastasse dessa dependência. Deixara a minha conta bancária no Brasil em plena estiagem (NOLL, 2004, p. 26).

E se somassem e eu pudesse extrair deles o discurso para o meu pão (NOLL, 2004, p. 43).

O que fazer com eles, se eu não sabia aonde ir, onde dormir, com que fundos agora comer, subsistir? (NOLL, 2004, p. 93).

Puxei a carteira, abri-a: ela tinha todo o dinheiro de que eu precisava por um largo estágio (NOLL, 2004, p. 98).

O dinheiro a que se refere o narrador/personagem na última passagem, acima mencionada, é produto de um roubo. Assim, em *Lorde*, a realidade material, como em *O retorno*, é elemento que interfere no comportamento da personagem. Mas, na obra de Noll, não ocorre retorno. O protagonista encontra uma posição material favorável como professor de português em uma universidade, o que lhe permite manter sua decisão de não voltar para o Brasil. Mas, caso ele não alcançasse êxito nesse aspecto, será que teria *escolha*? Afinal até que ponto podemos escolher nosso lugar numa geografia onde o poder econômico se dá de modo desigual, a ponto de deixar indivíduos em situação de miséria? Não será, algumas vezes, a emigração uma forma brutal de exílio? Nessas obras, parece que sim. "(...) sim, a pura verdade vinha de que eu não tivera escolha. Então eu vim" (NOLL, 2004, p. 10).

O exílio "é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada" (SAID, 1999, p. 46). Dessa condição fraturada e distante da terra natal, surgem

sentimentos de inadequação ao local de exílio, onde afloram paixões e aversões.

Vejamos como isso se manifesta nos romances que estamos analisando.

Começemos com o texto de Noll. Na Londres de *Lorde*, temos um panorama multicultural: uma cabeleireira da Malásia: "Sentei e a cabeleireira da Malásia perguntou se queria cortar muito" (NOLL, 2004, p. 31); um taxista caribenho; o bairro de imigrantes, onde o protagonista vai instalar-se:

Andávamos pela noite da Mare Street, no bairro de Hackney com muito vento, frio, passando por sua população de africanos, caribenhos, vietnamitas, turcos; queria me mostrar o Victória Park, que ele mesmo não conhecia. Enquanto isso, ia me apontando os vários restaurantes asiáticos, (NOLL, 2004, p. 19)

Além de personagens negras como, por exemplo, a prostituta com quem o protagonista passa algumas horas de uma noite fria: "Havia à porta de uma casa de encontros uma mulher negra de calcinha e sutiã brancos. Ela me sussurrou alguma coisa. (...) muito bela no seu todo. (...) Pediu a grana adiantado. (...) Paguei. (...) com certeza africana, do Quênia" (NOLL, 2004, p. 54); há ainda o restaurante de uma família chinesa e o professor Mark, britânico, criado na Itália: "Depois soube que ele fora criado na Itália. Mas isso fazia tanta diferença assim (...)?" (NOLL, 2004, p. 49).

Nesse universo onde diferentes culturas se encontram, o protagonista escuta *La vie en rose*, de Piaf, evoca *Terça-feira Gorda*, de Caio Fernando Abreu, observa telas de artistas de diversas nacionalidades. Alcança fruição. No entanto, tudo isso é apresentado de modo a deixar clara uma divisão entre os imigrantes e os locais da cidade que ocupam, embora numa atmosfera que não evidencia possíveis conflitos. O autor mostra as diferenças no ato de não conferir um nome a essas personagens. Elas são apenas identificadas por seus traços físicos e pelas atividades que desenvolvem. Em contraste a isso, temos os espaços da cidade que são todos nomeados: o bairro de Hackney, o Palácio de Buckingham, o St. James's Park, o Victória Park e o Britannia

Revista EnsiQlopédia, volume 13, número 1, out 2016, ISSN: 1984-9125 P. 50

Adelphi Hotel, entre outros. Assim, ao longo do enredo, ter um nome significa ter uma identidade. É em meio a um espaço rico em diferenças que acompanhamos o encontro do protagonista consigo mesmo. Ele também não revela seu nome.

Na arquitetura narrativa de Noll, o conflito reside no protagonista, em seu processo de busca de identidade, que se revela na atitude simbólica de buscar um espelho: "Rondei pelo apartamento, a começar pelo banheiro, à procura de um espelho" (NOLL, 2004, p. 23). Mas, à medida que ele mergulha no espaço da cidade e vive à espera da tarefa que o aguarda, e que o tal inglês - que o convidara para ir a Londres - nunca revela, um estado de confusão emerge. Após algumas providências, na expectativa de melhorar a imagem, como pintar os cabelos e usar maquiagem (o que representa uma tentativa de inserir-se entre os habitantes londrinos), ele decide não mais olhar-se no espelho: "Farei um pacto com o espelho, murmurei desligando o telefone. Eu não me olho mais nele, e em troca fico assim, querendo sempre mais. (...) Eu não teria mais face, evitaria qualquer reflexo dos meus traços." (NOLL, 2004, p. 44). Junto à negação do espelho, temos, já no início da trama, uma situação de abandono, em que a personagem se desprende de suas origens:

Eu não tinha saudades para cultivar. (...) O Brasil era um afresco na abóboda da mente, mas não doía nada, eu quase não tinha mais vista suficiente para enxergá-lo. (...) ninguém mais me reconheceria, já que tinha feito uma reforma em cima de alguém que eu mesmo começava seriamente a estranhar (NOLL, 2004, p. 22-27).

Abandonar uma origem e uma imagem e querer sempre mais, aí começa a busca do narrador/personagem, que tentará sobreviver em Londres. Encontrar uma atividade profissional. Um amor. Deixar de ser só. Encontrar sua identidade: descobrir George. E, embora ele consiga, aparentemente, encontrar essa identidade a partir de uma posição profissional e, também, através de um suspeito encontro amoroso em Liverpool...Um sentimento de perturbação permanece, apesar dos eventos de satisfação que levam-no a olhar-se no espelho, novamente:

Arranquei o pano do grande espelho do quarto. Nele via-se uma pessoa inteira. Ela também, para lá de fosca. (...) O espelho confirmava, não adiantava adiar as coisas com indagações. Tudo já fora respondido. Eu não era quem eu pensava. Em consequência, George não tinha fugido, estava aqui. Pois é, no espelho apenas um: ele (NOLL, 2004, p. 108-109).

Notemos que, mesmo diante da própria imagem no espelho, que, no texto, representa o encontro de uma identidade que é forjada ao longo da aventura, ele não está completamente convencido dessa identidade, dessa imagem: "Pois é, no espelho apenas um: ele". Esse *e/le* sugere "uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal"; George é um homem livre que "parecia idêntico a tantos homens que andavam pelas ruas de Londres..." (NOLL, 2004, p. 32). Mas George é diferente, afinal conforme expõe o narrador: "Tinha vindo para Londres para ser vários - isso que eu precisava entender de vez. Um só não me bastava" (NOLL, 2004, p. 28).

"George" é resultado de uma "transformação", que é ainda dupla, que tem sonhos diferenciados, é brasileiro professor de português em Londres - a língua aqui é o elemento de "origem" forte que perdura e ultrapassa esse mergulho multicultural - e estivador desempregado, e proprietário de ferragem em Liverpool. Presenciamos nele, o processo apontado Stuart Hall:

'Através da transculturação' grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir dos materiais a eles transmitidos pela cultura metropolitana dominante. É um processo da 'zona de contato', um termo que invoca 'a co-presença espacial e temporal dos sujeitos anteriormente isolados por disjunturas geográficas e históricas (...) cujas trajetórias agora se cruzam' (HALL, 2003, p. 31).

No caso, aqui, um processo visto mais de perto em uma "metáfora" individual. George representa simbolicamente um "entre-lugar", pois é ele mesmo "o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação (...) que [dá] início a novos signos de identidade" (BHABHA, 1998, p. 20). Emerge de si mesmo, em uma identidade que se modifica, desenvolve-se, e persiste em sua busca, pois é dinâmica como o mundo em que vive e precisa: "Ver se sonharia o sonho do outro (...) Seria a prova irrefutável do que eu aprenderia a aceitar..." (NOLL, 2004, p. 111), uma configuração *híbrida*.

No romance de Dulce Maria Cardoso, são muitos os exemplos de um local, Angola, que, ao reunir diferentes culturas, revela problemas de ordem social e pessoal. Na personagem de D. Glória, temos uma mulher com problemas de saúde que se iniciam após sua vinda para Angola. Seu marido a leva em "cultos" para "se tratar"; esses cultos pertencem a uma tradição africana. A personagem possui uma visão "idealizada" e superior da metrópole em relação a Angola, ela deseja (ainda que isso no romance não ocorra promovido por essa vontade) retornar à terra que deixou ainda jovem para encontrar e casar-se com Mario. Na "doença" de D. Glória e em seu sentimento de saudade percebemos as dificuldades de estar em um local distante daquele de "origem" e isso se manifesta na identidade da personagem, entre outras coisas, através do cuidado com a sua aparência: o uso de maquiagem (também presente no texto de Noll) e perfumes, são, neste caso, um modo de afirmar a diferença. Essa visão "superior" da metrópole é compartilhada com Rui, que conhece Portugal através de amigos, revistas e cinema, mas sua opinião é abalada quando ele volta com a família a Portugal:

A metrópole tem de ser toda como este hotel, o que hoje vimos antes de aqui chegar só pode ser um engano. (...) Portugal não é um país pequeno, é um império de Minho a Timor. (...) ninguém nos ia obrigar a cantar hinos aos sábados de manhã se a metrópole fosse tão acanhada e suja, co ruas tão estreitas onde parece nem cabermos (CARDOSO, 2012, p. 83).

Ao longo do enredo, vemos que a relação de superioridade não ocorre só entre os lugares, mas entre brancos e negros; entre o colonizador e o colonizado. O pai de Rui é um homem branco e, embora não possua muito estudo, não é visto com desprestígio: "O pai só estudou até a segunda classe mas não há nada que não saiba sobre o livro da vida que, segundo o pai, é o que mais ensina" (CARDOSO, 2012, p. 11). Já o povo negro é visto como ignorante, conforme recortes comprobatórios:

(...) o problema é que eles não têm cabeça, eles são os pretos. (...) Os pretos. A não ser que se queira explicar o que são, aí é o preto, o preto é preguiçoso, gostam de estar ao sol como os lagartos, o preto é arrogante, se caminham de cabeça baixa é só para não olharem para nós, o preto é burro, não entendem o que se lhes diz, o preto é abusador, (...) o preto é ingrato (...), podia-se estar horas a falar do

preto mas os brancos não gostam de perder tempo com isso, basta dizer, é preto e já se sabe do que a casa gasta (CARDOSO, 2012, p. 25).

(...) a carta perdeu-se porque os carteiros brancos já se foram quase todos embora e os pretos nem sequer sabem ler as moradas, é preciso ser matumbo para nem uma morada saber ler (CARDOSO, 2012, p. 44).

Os soldados falam mas não os compreendemos. Nunca aprendemos a língua dos pretos, as línguas aliás, que os pretos também têm várias línguas e se calhar é por isso que não se entendem, não se conseguem compreender uns aos outros (CARDOSO, 2012, p. 51). Não, os cabrões de merda não falaram assim que os cabrões de merda nem falar sabem, vámo matáti cum tuá arma e tuá bála nei precisámo di gastá nada (CARDOSO, 2012, p. 76).

Mas nada revela mais as diferenças das relações que se estabelecem entre brancos e negros que a maneira como são tratadas as mulheres negras, como podemos conferir nos fragmentos:

Com o Gegé e com o Lee é diferente, passávamos horas a falar de como seria fazer ginga ginga com raparigas brancas, sabíamos que não era a mesma coisa do que fazer com as pretas que nem cuecas usam e fazem aquilo com qualquer um e se quisermos até fazem com dois ou três de seguida, a Fortunata uma vez fez com sete, uns a seguir aos outros, até fizemos fila como na cantina do liceu (CARDOSO, 2012, p. 43).

Se te apetecer ir com uma preta que tenha marido tens de falar com ele primeiro, vais ver que fica todo inchado, é uma honra para um preto que um branco queira a mulher dele, podem pedir-te uma multa, uma garrafa de quimbombo ou uma lâmina de barbear... (CARDOSO, 2012, p. 204)

A mulher negra é tratada como um objeto fácil pode ser "consumida" como um produto que se compra. Lembramos aqui que, no romance de Noll, a mulher negra também é vista desse modo, já que é representada - por mais "romantizada" que seja a descrição do autor - como uma prostituta.

No entanto, as diferenças e preconceitos não cessam na cor da pele, no enredo que engendra a escritora portuguesa expõe as agruras que enfrentam as personagens que, fugindo da revolução, voltam para Portugal. Agora adultos, meninas e meninos brancos, os retornados, são vistos como inferiores:

O Sr. Manuel recusava, você ri-se mas os comunistas da metrópole querem-nos fora daqui e vão conseguir, já desarmaram os nossos

soldados, um branco não pode ter arma e um preto tem direito a duas, (...) e não são só os comunistas, são todos, nem queiram saber o que dizem de nós na metrópole (CARDOSO, 2012, p. 29).

A mãe faz bem em mentir, levaram o pai como podiam ter levado outro qualquer mas ninguém ia acreditar nisso. Quando se fala de um branco preso ou assassinado, há logo quem diga, alguma coisa deve ter feito, eles só se vingam de quem os maltratou (CARDOSO, 2012, p. 79).

Ficaram na janela a fazer-nos manguitos e gestos como se apalpassem a Rute outra vez, gostaste não gostaste, (...) as retornadas vieram todas furadas pelos pretos. A Rute chorou ainda mais... (CARDOSO, 2012, p. 111).

(...)ó menino isto aqui não é a selva, não é como lá de onde vens, aqui há regras(...) se querem dizer mal dos retornados vou dar-lhes razões. A puta da professora, um dos retornados que responda, como se não tivéssemos nome... (CARDOSO, 2012, p. 139).

Assim, Dulce Maria Cardoso constrói uma narrativa onde ninguém escapa aos sofrimentos provocados por uma realidade desigual, que deságua em um conflito político e armado, provocando o retorno de portugueses e, também, de africanos para Portugal; na tentativa de escapar aos horrores e ao medo que assombra suas vidas:

(...) peço tantas coisas a deus mas deus, como sempre, mais surdo do que uma porta, os soldados continuam à nossa frente satisfeitos pelo medo que nos provocam (CARDOSO, 2012, p. 54).

(...) se calhar não se dá conta quando nos atingem, se calhar morremos e não damos conta (CARDOSO, 2012, p. 57).

(...) cuidado menina que ainda te fazem o mesmo que os brancos fizeram às nossas mulheres (CARDOSO, 2012, p. 47).

O soldado não baixa a arma, um branco é um escravagista, um colonialista, um imperialista, um explorador, um violador, um carrasco, um gatuno, qualquer branco é isso tudo ao mesmo tempo e não pode deixar de ser odiado (CARDOSO, 2012, p. 48).

Logo, voltar não é uma *escolha*. É uma busca pela sobrevivência. Uma busca que não cessa e que é representada, especialmente, no desejo de Rui: "Os três finalmente no cimo da Sears Tower, a repetir, há quanto tempo, o tempo que esperamos para estarmos todos aqui. Com os olhos fechados e o vento frio a bater-me na cara é fácil acreditar que o Gegé e o Lee estão a chegar. Mas ainda faltam 784 dias" (CARDOSO, 2012, p. 235).

Se George surge a partir de uma viagem a Londres, Rui nasce do delicado processo de descolonização e início da guerra civil em Angola, que provocou sua partida para Portugal. O adolescente que narra a história percebe conflitos, enfrenta dificuldades econômicas, vive aventuras amorosas arriscadas (o caso que tem com Silvana a mulher do porteiro Queine), põe em dúvida laços familiares (como em sua relação com tio Zé), entre outros episódios que formam a trama do romance e que levam Rui a descobrir nele outro indivíduo, uma nova identidade ainda fragmentada na incerteza entre o que percebe (simbolicamente a imagem no espelho - o que pode ser visto nele, nos outros e nos espaços), e aquilo que sente:

Se calhar sou eu que vejo mudança onde na verdade não há mudança nenhuma, se calhar sou eu que invento mistério onde não há mistério nenhum, se calhar a mudança não existe e vamo-nos só mostrando de maneiras diferentes. Eu não sinto que mudei mas tenho a certeza que se a mãe que usava o pó azul nos olhos me visse agora aqui ia dizer, não parecez tu. E não havia de ser só por causa de a barba ter crescido (CARDOSO, 2012, p. 262).

Ambos os romances espelham o quadro "real" de uma sociedade globalizada, com as suas nuances de riqueza e miséria de um contexto multicultural. Assim, no domínio da arte, da literatura, Dulce Maria Cardoso e João Gilberto Noll introduzem o leitor num espaço de instabilidade que questiona, ainda que às vezes, indiretamente, nas linhas e entrelinhas de sua escrita, o mundo no qual vivemos: sua economia, suas regras, sua moral (embora não tenha explorado no desenvolvimento deste texto, cabe salientar que os dois romances abordam a questão homossexual), suas possibilidades e espaços de escolha. Os textos de Noll e Cardoso revelam, não julgam diretamente uma condição, mas instigam, como devem fazer os melhores textos, o leitor a pensar sua própria identidade humana, de forma consciente e equilibrada. E, do exercício da leitura, esperamos, assim como Said, possa nascer "o surgimento de uma nova consciência intelectual e política" (SAID, 1999, p. 26).

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARDOSO, Dulce Maria. **O retorno**. Rio de Janeiro: Tinta-da-china, 2012.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

NOLL, João Gilberto. **Lorde**. São Paulo: Francis, 2004.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.